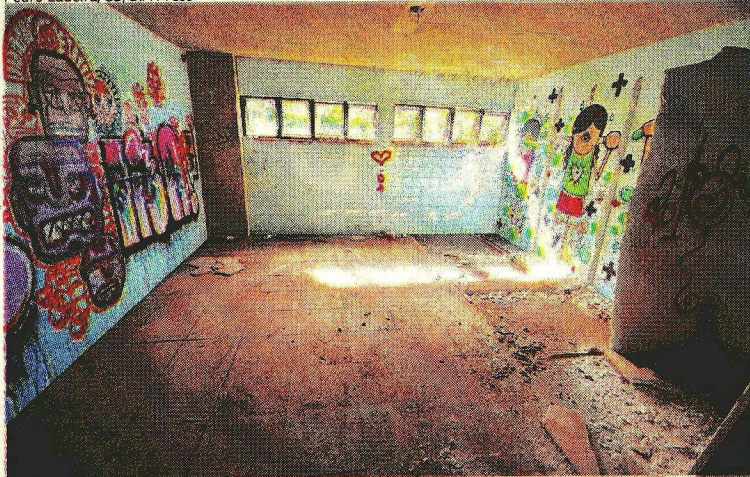




Clube do Servidor, na L4 Norte:
do que restou, apenas paredes
grafitadas e sujas



**Arco da capela projetada por
Niemeyer na Ermida Dom Bosco:**
pichação tomou conta

» LEILANE MENEZES

As lembranças contidas em lugares abandonados parecem impregnadas no ar. Ao entrar em uma edificação consumida pelo tempo e vazia, surgem perguntas como: “Quem esteve ali?”, “Vidas começaram e terminaram naquele ambiente?”. Cada pessoa que passa por um lugar deixa um pouco de si, em forma de pegadas ou em sinais de devastação. E foi movido pelo interesse em conhecer a história de espaços inutilizados e esquecidos em Brasília que o arquiteto Renato Pantoja, 39 anos, começou a praticar algo conhecido como exploração urbana.

A atividade consiste em visitar lugares normalmente não frequentados pelas pessoas. O objetivo é somente observar, sem alterar a paisagem. Com os resultados dos passeios, Renato montou um blog, em junho de 2010. Os acessos já passam dos 20 mil e vêm de países como Portugal e Estados Unidos, além do Brasil. Na página, o arquiteto lista os lugares do DF onde esteve. Mostra também material de outros aventureiros. Os retratos de Brasília servem como alerta para o governo, pois boa parte das imagens postadas ali é de lugares construídos com dinheiro público.

Renato já fotografou aviões abandonados no Aeroporto de Brasília, o cemitério de carros do Detran, a capela projetada por Oscar Niemeyer na Ermida Dom Bosco, ruínas da Universidade de Brasília, o Centro Islâmico e um dos pontos mais impressionantes, o desativado Clube dos Servidores. A paixão pelas ruínas vem da arquitetura. “É interessante observar como os lugares envelhecem. A natureza toma conta do espaço que é dela. Há poesia nisso tudo. Lugares abandonados são fascinantes, nos causam medo, nojo, curiosidade. São aparentemente comuns, porém, sem pessoas, nos remetem imediatamente aos filmes de zumbis e thrillers de horror”, define.

Cada local tem uma história de degradação a ser contada. Para concretizar os relatos, Renato faz uma breve pesquisa sobre os lugares e inclui também textos na página da internet. O primeiro espaço a ser visto foram as ruínas da UnB, entre o Centro Olímpico da universidade e o Iate Clube. No local em que seria edificado um prédio das Forças Armadas, há apenas pedaços de concreto, mendigos, mato e muito lixo.

As obras tiveram de ser interrompidas à época da ditadura militar, por conta de águas que afloraram e atrapalharam o processo. Os trabalhos jamais foram retomados. Certo dia, ao sair da UnB e passar pelo Clube do Servidor, na L4 Norte, na altura do Centro Comunitário, Renato decidiu entrar no local, que já foi um dos maiores e melhores clubes de Brasília. Por pura intuição.

Vestígios

O acesso, no entanto, nem sempre é pela porta da frente. Renato encontrou uma passagem livre, no meio do mato, e decidiu arriscar para saber aonde o caminho levaria. Depois de andar em uma trilha de terra cheia de mosquitos, o arquiteto encontrou um clube inteiro abandonado, às margens do Lago Paranoá. Passeou por vários ambientes e surpreendeu-se com o péssimo estado de conservação de todo o prédio.

As piscinas esvaziadas tornaram-se depósitos de água parada. Uma placa avisa que o líquido é tratado com cloro, para evitar a dengue. Mas não há o menor sinal da presença de funcionários no clube. Apenas vestígios de vândalos e usuários de

Cartões-postais do abandono

Lugares que ninguém costuma visitar são a principal atração de um blog criado pelo arquiteto Renato Pantoja. As imagens dão ideia de que, mesmo em uma cidade de história tão recente, as ruínas encontram espaço

Renato Pantoja/ Divulgação



Cemitério de carros do Detran:
o que um dia pode virar sucata
tem visual curioso

Renato Pantoja/ Divulgação



Interior do Centro Islâmico, na Asa Norte:
teto cheio de água e
marcas de incêndio

Renato Pantoja/ Divulgação



Avião abandonado no Aeroporto:
contraste com a falta de espaço
para as aeronaves

drogas. Em contraste com os tons escuros dessa realidade, o colorido do grafite está nas paredes, distribuindo mensagens de amor e ódio. Há corações e também bonecas suicidas estampadas nos muros.

Estão escritas em várias cores e tamanhos as palavras “ira” e “caos”. Expressões que resumem bem a sensação de estar ali. “Quando entro em um lugar como esse, começo a pensar as situações que as pessoas devem ter vivido ali. Muita gente deve ter se divertido. É difícil imaginar como deixaram o local inabitável”, afirmou Renato. O lugar está fechado desde 1997, sem previsão de voltar a funcionar. Há vasos sanitários abandonados onde funcionavam os banheiros. Um salão com piso de madeira está trancado, cheio de pó. Quem passou por ali deixou latas de cerveja, embalagens feitas em plástico, pedaços de vidro quebrado, cigarros e muitos outros vestígios.

Capela

Encontrar lugares esquecidos no DF não é difícil. Nem a capela projetada por Oscar Niemeyer, na Ermida Dom Bosco, ganhou a devida atenção. Os bancos solitários, que antes eram brancos, ganharam os tons marrons da poeira. O arco externo que vai de uma ponta a outra da pequena capela arredondada, com uma cruz no topo, está encardido. As portas ficam trancadas. O espaço onde seriam os banheiros, do lado de fora do pequeno espaço para orações, está pichado. “No mínimo, ela não está tendo o uso para o qual foi projetada: o de capela. Nenhuma programação é reservada a ela. O que é uma pena, afinal não há como parar nesse lugar e não pensar em Deus, mesmo que por um minuto”, avalia Renato.

Em outra incursão, o arquiteto conheceu o cemitério de carros do Detran. Somente a ferrugem ocupa os veículos nos quais um dia pessoas foram tristes e felizes. Posteriormente, a lente da máquina fotográfica de Renato voltou-se para os aviões abandonados, próximos ao Aeroporto de Brasília. “Colegas da Infraero informaram que as aeronaves estão sub judice”, explica.

No Centro Islâmico, localizado na Asa Norte, a edificação em frente à mesquita, que era um centro de atividades, está aos pedaços. “O teto ficou cheio de água, dando chance à dengue. Há vários cômodos, salões de festa, salas de aula. Algo fora do normal. Existem marcas de incêndios, sobre os quais não consegui informações. A vida ali não parou: há colchões, roupas, sapatos, frascos vazios”, enumera.

A intenção de Renato com o blog não é influenciar outras pessoas a entrarem em locais difíceis ou proibidos. “Quem fizer isso deve saber dos perigos, das dificuldades. Pode encontrar alguém armado, um vândalo, um cachorro bravo. É sempre um risco”, alerta. Com esse trabalho, ele pretende reacender histórias. O próximo passo é visitar lugares fora do Plano Piloto.

» Conheça mais

Acesse:
www.lugaresesquecidos.blogspot.com. O site tem ferramenta de busca. Para ver as postagens sobre Brasília, basta procurar no campo “Pesquisar neste blog” pelo nome da cidade ou dos lugares. Renato aceita sugestões para novas incursões. Contato: renatopantoja@gmail.com.